

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-293-7

DOI 10.22533/at.ed.937192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados e distribuídos nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem por objetivo, apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Neste 2º volume, reuni o total de 24 artigos que dialogam com o leitor sobre temas que envolvem direito e educação, direito social, currículo escolar, desafios gerenciais, gestão de segurança, trabalho e saúde, relatos de experiência, tecnologias, homofobia, educação especial e “jovens rurais”. São temas diversos que propõe um olhar mais amplo dentro das possibilidades das Ciências Sociais Aplicadas.

Assim fechamos este 2º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PERMANENTE DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL À LUZ DA NORMA OPERACIONAL BÁSICA DE RECURSOS HUMANOS DO SISTEMA ÚNICO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes Elisa Maria Andrade Brisola Edna Maria Querido de Oliveira Chamon	
DOI 10.22533/at.ed.9371926041	
CAPÍTULO 2	21
A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DE MENINAS NA PERSPECTIVA DE MARY DASCOMB	
Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.9371926042	
CAPÍTULO 3	34
A PROMOÇÃO DO DIREITO SOCIAL À EDUCAÇÃO DECOLONIAL PELA ESCOLA DE SAMBA BEIJA FLOR DE NILÓPOLIS NO DESFILE DE 2018: CRÍTICA LITERÁRIA E SOCIAL	
Aline Lourenço de Ornel Andreia Lourenço de Ornel	
DOI 10.22533/at.ed.9371926043	
CAPÍTULO 4	49
APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO NO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO E O CURRÍCULO ESCOLAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9371926044	
CAPÍTULO 5	61
CAPITAL INTELECTUAL COMO FATOR PARA OBTENÇÃO DE VANTAGENS COMPETITIVAS	
Danilson Costa do Nascimento Gilson Scholl Pires	
DOI 10.22533/at.ed.9371926045	
CAPÍTULO 6	69
CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: MEDITAÇÃO E PRÁTICAS ORIENTAIS NA ESCOLA	
Kátia Batista Martins Julia Salido Alves Paula Negreiros de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.9371926046	
CAPÍTULO 7	81
DESAFIOS GERENCIAIS DO SISTEMA DE SAÚDE DA MARINHA CONSIDERANDO O NOVO REGIME FISCAL, O AUMENTO DA EXPECTATIVA DE VIDA E A VARIAÇÃO DE CUSTOS MÉDICO-HOSPITALARES	
Jefferson Davi Ferreira dos Santos Murilo Mac Cord Medina	
DOI 10.22533/at.ed.9371926047	

CAPÍTULO 8	100
DESCOBRINDO A SI MESMO: COMO A IMAGEM CORPORAL CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA?	
Camila Ribeiro Menotti	
DOI 10.22533/at.ed.9371926048	
CAPÍTULO 9	106
EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NAS ESCOLAS EM PORTUGAL: ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE SUA TRAJETÓRIA E SUAS AÇÕES	
Ana Cláudia Bortolozzi Maia	
Teresa Vilaça	
DOI 10.22533/at.ed.9371926049	
CAPÍTULO 10	120
FERRAMENTAS E TÉCNICAS DE GERENCIAMENTO DE PROJETOS APLICADAS NA GESTÃO DA SEGURANÇA E SAÚDE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL	
Ana Lúcia Andrade Tomich Ottoni	
Altamir Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260410	
CAPÍTULO 11	138
GENERIFICAÇÃO PATRIARCAL: DISTINÇÃO E GÊNESE SÓCIO-HISTÓRICA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Ana Tereza da Silva Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260411	
CAPÍTULO 12	154
JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO	
Roseane de Aguiar Lisboa Narciso	
DOI 10.22533/at.ed.93719260412	
CAPÍTULO 13	166
O CONSUMO DE STATUS E SUA RELAÇÃO COM A FELICIDADE SOB A ÓTICA DE ALUNOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
Alexandre Cappellozza	
Glauco Carvalho Campos	
Maria da Conceição Medeiros	
Raquel Teixeira Vianna de Paula	
Rogério Teixeira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93719260413	
CAPÍTULO 14	179
O CUIDADO INDIVIDUALIZADO AO PACIENTE HOMOSSEXUAL PORTADOR DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Alexia Camargo Knapp de Moura	
Juliana de Paula Teixeira	
Karen Domingues Gonzales	
Lílian Moura de Lima Spagnolo	
DOI 10.22533/at.ed.93719260414	

CAPÍTULO 15	194
O IMPACTO DA GESTÃO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO NA SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL	
Paula Zanforlin Camargo	
Ana Beatriz Pereira	
Eliane Cristina de Antonio	
DOI 10.22533/at.ed.93719260415	
CAPÍTULO 16	200
O SILENCIAMENTO DA ESCOLA FRENTE A HOMOFOBIA	
Helder Júnio de Souza	
Adla Betsaida Martins Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260416	
CAPÍTULO 17	213
REFLEXÕES SOBRE A GESTÃO DEMOCRÁTICO-PARTICIPATIVA NA ESCOLA PÚBLICA	
Andrea Oliveira D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.93719260417	
CAPÍTULO 18	223
REFLEXÕES SOBRE CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.93719260418	
CAPÍTULO 19	228
ROUSSEAU: A CUMPLICIDADE ENTRE NATUREZA E PATRIARCADO NA EDUCAÇÃO DE SOFIA	
Letícia Machado Spinelli	
DOI 10.22533/at.ed.93719260419	
CAPÍTULO 20	240
TECNOLOGIAS MÓVEIS: OS IMPACTOS NA INTERAÇÃO SOCIAL E NO PROCESSO COMUNICACIONAL	
Briza Martins	
Guilherme Juliani de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.93719260420	
CAPÍTULO 21	252
TRANSFORMAÇÃO ORGANIZACIONAL EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA COM O USO DA SOFT SYSTEM METHODOLOGY (SSM): RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Patricia Rodrigues Miziara Papa	
Valéria Tomas de Aquino Paracchini	
Dyjalma Antonio Bassoli	
Thiago Henrique de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260421	
CAPÍTULO 22	268
UM MODELO TÁTIL DA TABELA PERIÓDICA: O ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS CEGOS NUM CONTEXTO INCLUSIVO	
Sandra Franco-Patrocínio	
Jomara Mendes Fernandes	
Ivoni Freitas-Reis	
DOI 10.22533/at.ed.93719260422	

CAPÍTULO 23	278
UMA EXPERIENCIA DE INTEGRAÇÃO ENTRE FACULDADE DE TECNOLOGIA E EMPRESA GERANDO PROJETOS DE MELHORIA NA FORMAÇÃO DO TECNOLOGO	
Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho Luciano José Dantas Fabio Conte Elaine Cristine de Souza Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.93719260423	
CAPÍTULO 24	288
VISIBILIDADE DE JOVENS RURAIS: “ACREDITO É NA RAPAZIADA”	
Ana Maria do Nascimento Ercília Maria Braga de Olinda	
DOI 10.22533/at.ed.93719260424	
CAPÍTULO 25	303
O CONTRABANDO DE CIGARROS NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Amanda Caroline Schallenberger Schaurich Andressa Braga da Silva Graziele Aparecida Carneiro Wille Lucimara Fátima de Macedo Savitraz Carla Liliane Waldow Esquivel	
DOI 10.22533/at.ed.93719260425	
SOBRE O ORGANIZADOR	307

CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: MEDITAÇÃO E PRÁTICAS ORIENTAIS NA ESCOLA

Kátia Batista Martins

Universidade Federal de Lavras, Núcleo de
Educação da Infância
Lavras – MG

Julia Salido Alves

Universidade Federal de Lavras
Lavras - MG

Paula Negreiros de Azeredo

Universidade Federal de Lavras
Lavras - MG

RESUMO: Este estudo tem como base as vivências do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade, e tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o currículo como prática de significação e suas possibilidades. A metodologia abordada foram oficinas com base nas proposições de Vera Candau (1999), e revisão de literatura. As atividades foram realizadas em uma escola estadual no sul de Minas Gerais, com uma turma de 7º ano, durante as aulas de História. Os conteúdos abordados pela professora regente, tendo como base o livro didático, foram China, Japão e o Budismo. Nesse contexto, o Pibid Pedagogia entra em cena e realizada práticas meditativas com a turma, bem como apresenta aparatos oriundos da China e Japão, entre eles, foi realizado um ritual de chá Chinês. Destarte, analisamos a experiência como aquilo que nos toca e

impulsiona, conforme as análises de Larrosa (2002), para atuar no micro espaço da sala de aula provocando pequenas revoluções diárias e outras formas de educação como propõe o filósofo Silvio Gallo (2002).

PALAVRAS-CHAVE: Pibid Pedagogia. Currículo. Educação menor.

ABSTRACT: This study is based on the experiences of the Institutional Scholarship Initiation Program (Pibid) Pedagogy - Gender and Sexuality, and aims to present a reflection on the curriculum as a practice of meaning and its possibilities. The methodology addressed were workshops based on the propositions of Vera Candau (1999), and literature review. The activities were carried out in a public school in the south of *Minas Gerais* state, with a 7th grade class, during History classes. The contents addressed by the teacher regent, based on the textbook, were China, Japan and Buddhism. In this context, Pibid Pedagogy comes on the scene and performed meditative practices with the class, as well as presents devices from China and Japan, among them, a ritual of Chinese tea was performed. Thus, we analyze the experience as what touches and drives us, according to the analysis of Larrosa (2002), to act in the micro space of the classroom provoking small daily revolutions and other forms of education as proposed by the philosopher Silvio Gallo (2002).

KEYWORDS: Pibid Pedagogy. Curriculum. Education Minor.

1 | INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu a partir da disciplina Escola e Currículo, ministrada no segundo semestre de 2017. A partir dos conteúdos estudados no decorrer da disciplina, embasados nas teorias curriculares, foi possível perceber como o currículo orienta os processos educativos e é passível de flexibilização. Para tanto, temos como objetivo apresentar práticas vivenciadas em uma escola estadual no Sul de Minas Gerais, por meio do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade, entrelaçando aos estudos do currículo. Apresentamos ainda uma análise sobre as práticas vivenciadas com base nos estudos culturais e pós-estruturalistas.

A partir da iniciação à docência realizada pelo Pibid Pedagogia, atuamos nas aulas de história com a turma do 7º ano, em uma escola Estadual do município de Lavras. No segundo semestre de 2017, o livro de história abordou temas como: África, China, Japão e Oriente Médio e suas respectivas religiões. Cada turma escolheu uma religião para desenvolver atividades com o Pibid Pedagogia. A turma em que atuamos, foi a que escolheu o tema do Budismo, que incluía China e Japão.

Nesse contexto, o Pibid Pedagogia entrou em cena e foram realizadas práticas meditativas com a turma, bem como apresentados alimentos e jogos oriundos da China e Japão, artes marciais e também foi realizado um ritual de chá Chinês. Foram levantadas questões de gênero e sexualidade de forma a instigar as/os estudantes, que mulheres não podiam meditar, permitindo assim o questionamento sobre o que a mulher representava para a cultura Oriental e como até hoje isso é refletido na sociedade Chinesa e no Budismo. Foram realizadas discussões sobre o porquê homens e mulheres não meditavam no mesmo espaço. Desse modo, observamos questões de indisciplina e propomos uma reeducação dos corpos por meio das práticas meditativas orientais dentro da realidade escolar.

Com base em referenciais pós-estruturalistas, em especial o filósofo Michel Foucault, foi analisada a disciplina dos corpos e a possibilidade de resistência na sala de aula por meio do exercício da militância e relações de poder, da reinvenção do currículo no micro espaço. Desse modo, a análise em tela se ancora ainda no conceito de educação menor, aquela exercida no micro espaço da sala de aula, como aponta o filósofo Silvio Gallo (2002), que se entrelaça às relações de poder existentes no currículo. Destarte, analisamos a experiência como aquilo que nos toca e impulsiona, para atuar no micro espaço da sala de aula provocando pequenas revoluções diárias.

2 | A CULTURA COMO PEDAGOGIA, A PEDAGOGIA COMO CULTURA

Tomaz Tadeu (2011, p. 139), ao discorrer sobre as teorias do currículo aponta

que “Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa”. Desse modo, ao tratar dos conteúdos apontados no livro didático sobre culturas orientais, a equipe do Pibid não apenas reproduziu as informações disponíveis, mas, sobretudo, possibilitou novas experiências por meio de práticas meditativas reais daquele povo.

Inicialmente as/os estudantes tiveram muita empolgação em relação à meditação, foram muitos pedidos para que houvesse a prática. Assim começamos a estudar sobre a meditação para jovens, pesquisamos sobre experiências de outras pedagogas e pedagogos e descobrimos inúmeros efeitos positivos favoráveis para a concentração, calma e saúde mental que essa prática poderia oferecer aos/as estudantes.

Marilu Martinelli (1999), afirma que:

Despertando a consciência da harmonização por meio da meditação, ensinando-lhe a ter consciência do corpo como instrumento de ação e da mente e seus níveis mais sutis como responsáveis pelas emoções e pela transformação da informação em conhecimento. O desenvolvimento dos sentidos externos e a percepção dos sentidos internos exploram a capacidade de compreensão e a criatividade (MARTINELLI, 1999, p 42).

Podemos perceber que a prática da meditação, além de aproximar a realidade dos/as estudantes da cultura oriental, ainda pode trazer benefícios para o conhecimento do próprio corpo e o desenvolvimento das capacidades de compreender os sentidos e de criar.

Na primeira aula observamos a rigidez nos corpos dos/as estudantes. Pedimos apenas para que se sentassem no chão em roda e houve algumas resistências para sair das carteiras, para se sentar ao lado de alguma/algum colega de turma. Percebemos que nosso pedido gerou certo desconforto para uma parte da turma. Evidenciando a dificuldade em lidar com a liberdade dos corpos fora do espaço rígido das carteiras e fileiras que fazem parte do cotidiano na escola.

Conforme o pesquisador Carlos Ernesto Nogueira-Ramirez:

No ensino tudo deve ser fácil e prazeroso, mas para isso, é preciso primeiramente voltar submisso e obediente ao aluno[a], pois só assim poderá ser ensinado a aprender. [...] Se disciplina é, finalmente, o autocontrole, este só pode ser atingido como parte de um processo (educativo), que por sua vez tem alicerces na submissão e obediência, e essas duas não são simplesmente o efeito da repressão ou coerção dos adultos, mas sim a condição para que a criança aprenda o domínio de si; isso significa que são condições para atingir o autocontrole e autogoverno (2011, p. 124).

O modo como abordamos a turma, para sair de seus lugares, onde se sentam todos os dias letivos, para sentar no chão em círculo, olhando de igual para igual professoras e estudantes, tirou o habitual que há nas salas de aula. Normalmente há uma figura (professora) que controla a sala, não permitindo que ninguém saia de sua carteira. Como nos mostra Foucault:

A atividade que assegura a aprendizagem e a aquisição de atitudes ou tipos de comportamento é aí desenvolvida por meio de um conjunto inteiro de comunicações reguladas (lições, questões e perguntas, ordens, exortações, sinais

codificados de obediência, marcas de diferenciação do “valor” de cada pessoa e os níveis de conhecimento) e por meio de uma série inteira de processos de poder (clausuramento, vigilância, recompensa e punição, a hierarquia piramidal (FOUCAULT, 1995, p. 241).

Na contramão, quando apresentamos uma situação diferente da citada, deixamos alguns estudantes em estado de confusão e não aceitação do diferente. Vemos a produção de indivíduos, do poder normalizador e disciplinar que Foucault nos fala.

O indivíduo é mantido sob um olhar permanente, contabilizando e registrando todas as observações sobre ele, resultando em rigorosas classificações. Assim muitas vezes sendo excluídos da turma ou silenciados, não permitindo trazer para turma suas ideias e conhecimentos. Sendo movidos pelo medo e falta de interesse.

Logo, este se tornou um foco orientador e disparador do que queríamos proporcionar as/os estudantes. Espaços de liberdade e de resistência, para possibilitar novas experiências e significações, assim como proporcionar momentos de alegria e prazer neste contexto de controle e domínio. Permitir mais liberdade e mais sentido na aprendizagem do conteúdo de História “China e Japão”, entrelaçando as questões que perpassam gênero e sexualidade, foram o nosso desafio.

3 | AS OFICINAS E O CURRÍCULO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO

A metodologia utilizada foram oficinas para possibilitar a participação, interação e envolvimento de todos/as, de forma que as atividades proporcionassem práticas significativas. Foi utilizado o material didático em uso na escola para orientar nossas vivências com a turma do 7º ano. Como dito anteriormente, atuamos durante a aula de história e o conteúdo indicado no livro para aquele bimestre abordava sobre China, Japão e o Budismo. E a partir daí orientamos as diversas oficinas pensadas para possibilitar a liberdade dos corpos e a significação do conteúdo proposto.

Desse modo, a metodologia utilizada foram oficinas para possibilitar a participação, interação e envolvimento de todos/as, de forma que as atividades proporcionassem práticas significativas. É importante destacar que o conceito de oficina entendido neste estudo se baseia nas ideias da antropóloga Vera Maria Candau (1999), que compreende oficina como um espaço coletivo no qual acontece desconstrução e (re)construção de saberes no compartilhar e na socialização de experiências e conhecimentos, estimulando a reflexão sobre o que as pessoas envolvidas fazem em seu cotidiano.

Ainda sobre a metodologia, salientamos que neste estudo abarcamos o currículo como prática de significação, conforme anunciado e problematizado por Silva (1999), quando questiona o modo pelo qual a sociedade capitalista, voltada para a produção da mercadoria e para o consumo dessas, direcionam o currículo para práticas engessadas na “doxa triunfante, o pensamento único [...] fechando o campo da significação, restringindo as alternativas, apagam a memória e sequestram o futuro”

(SILVA, 1999, p. 8).

Contudo, o autor aponta ainda que, “o currículo, tal como o conhecimento e a cultura, não pode ser pensado fora das relações de poder” (p. 16). Desse modo,

O social, o político, o educativo podem ser outra coisa, podem adquirir outros significados e outros sentidos; podemos não apenas dar outras respostas as perguntas, mas até mesmo, e talvez principalmente, fazer outras perguntas, definir os problemas de outra forma (SILVA, 1999, p. 9).

Assim, as oficinas foram pensadas na perspectiva de instigar novas práticas, possibilidades, significações e novas perguntas. Logo, a partir dos temas propostos no livro didático, fizemos uma aula introdutória com uma contação de história sobre a vida de Siddhartha Gautama, o Buda, que deu início a doutrina Budista. Foi nesta atividade que pedimos a formação do círculo, com as/os estudantes sentados no chão da sala. Houve muita resistência por parte deles para se sentarem fora das carteiras, mas por fim todos/as se sentaram e se interessaram pela história.

Após a contação de história, foram apresentadas as particularidades e termos do Budismo como, “samsara” “dharma” e “karma”. Na tentativa de aprofundar o conhecimento de quem foi Buda e o que é o Budismo.

No fim da aula foi servido um suco de limão com a alga japonesa Spirulina, considerada um superalimento por seus valores nutricionais, e muito presente na cultura oriental. As/os estudantes gostaram do suco e ficaram muito interessados em saber mais sobre a alga, como se preparava e onde se comercializa a Spirulina.

Nesta primeira oficina, percebemos o quanto são inúmeros os espaços de resistência que o próprio currículo nos permite estar. Isso porque o Budismo está previsto nos conteúdos de história, porém sem qualquer sentido ou significação para as/os estudantes, que muitas vezes passam por estes conteúdos apenas com a leitura e atividades avaliativas somatórias. Com o Pibid Pedagogia, tivemos a oportunidade de ampliar o campo de ação e de conhecimento deste conteúdo, assim como proporcionar que as/os estudantes construíssem seus próprios conhecimentos à partir da experiência de vivenciar práticas desta cultura que muitas vezes aparenta ser tão distante da nossa. Percebemos que foram inúmeras as possibilidades de resistir e de abordar o Budismo, a China e o Japão entrelaçados às discussões de gênero e sexualidade.

Nessa oficina as/os estudantes solicitaram que realizássemos com eles uma prática de meditação. Era o que mais conheciam sobre o Budismo e também o que mais tinham interesse em experienciar. Sendo assim, realizamos na segunda oficina uma prática meditativa guiada, ou seja, uma pessoa usa a fala para guiar positivamente os pensamentos da outra pessoa que escuta, na intenção de proporcionar bem estar, equilíbrio e autoconhecimento.

Realizamos a prática no pátio da escola e usamos os colchonetes utilizados nas aulas de educação física para as/os estudantes ficarem confortáveis. A oficina foi iniciada com música meditativa e incenso para criar um ambiente mais próximo daquele

vivido numa na meditação budista. Ao realizarmos esta atividade percebemos quão valioso era este momento. Não apenas pela prática meditativa, mas por proporcionar que algo assim acontecesse dentro de uma escola pública, com estudantes que muitas vezes estão em situação de vulnerabilidade econômica ou de outra natureza, e que ao viver um momento como este, possibilitou um grande espaço de resistência e a garantia de proporcionar o conhecimento e a vivência de uma cultura diferente da deles. Possibilitando uma melhor relação com aquilo que é diferente e diverso.



Figuras 1 e 2: Prática meditativa realizada pelas bolsistas do Pibid com as crianças na quadra da escola. Fonte: Própria.

Ao iniciar a prática observamos que meninas e meninos sentavam cada um para um lado, ficando assim bem parecido com a história contada na oficina anterior, na qual mulheres e homens se separavam para meditar. Como o espaço onde foram colocados os colchões era pequeno, era possível que alguma parte do corpo de uma pessoa pudesse se encostar em outra pessoa e isso pode ter sido um fator determinante para que meninos e meninas não se sentassem próximos. Entendemos que o ambiente e movimento da escola, uma vez que a prática aconteceu no mesmo pátio onde aconteciam outras atividades, assim como outros fatores que fazem daquele pátio pouco acolhedor e às vezes desconfortável, não contribuiu para que as crianças concentrassem como poderiam.

O espaço de resistência criado pela oficina fica evidente quando percebemos que este tipo de atividade não faz parte do conhecimento difundido nas escolas públicas. Isso porque o budismo está previsto no currículo, mas a apropriação e aproximação deste conteúdo e tantos outros, não aparece nas suas aplicações.

Nas duas oficinas seguintes a proposta foi jogar o jogo de xadrez e a meditação através da pintura de mandalas. O Xadrez foi escolhido pelos/as estudantes, pois haviam campeões de xadrez na sala e também a maioria conhecia o jogo e as regras, ao contrario de nós bolsistas e professoras que não sabíamos jogar. Assim, a oficina acabou sendo guiada pelas crianças, contrariando o modelo tradicional de ensino e currículo, no qual o/a professor/professora é o único detentor do saber e transmite o

que sabe para a turma. Evidencia-se uma forma de resistir a este modelo de ensino e possibilitar que novas formas de aprender e de ensinar possam surgir.

Com as mandalas não foi diferente, isso porque colorir e aplicar metodologias lúdicas à partir do ensino fundamental II não é habitual, conforme observamos, e portanto, desafiador. Isso porque o modelo de currículo e ensino conteudista não permitem espaços para estes momentos. Assim, questionamos: “O que deve estar no centro do ensino: os saberes “objetivos” do conhecimento organizado ou as percepções e as experiências “subjetivas” das crianças e jovens?” (SILVA, 2011, p. 22). O prazer e a alegria devem fazer parte do cotidiano das crianças e adolescentes dentro e fora da escola, e possibilitar este momento é uma forma de resgatar a infância, e a ludicidade, as relações sociais e estimular o senso crítico. “A escola e o currículo devem ser locais onde os estudantes tenham a oportunidade de exercer as habilidades democráticas da discussão e da participação, do questionamento dos pressupostos do senso comum da vida social” (SILVA, 2011, p. 54-55).

Na oficina seguinte foi realizada uma oficina sobre diversidade religiosa, tendo o Budismo como tema disparador. Foram discutidas as proximidades existentes nos valores religiosos entre diversas matrizes religiosas, entre elas o cristianismo, o islamismo, o judaísmo, o hinduísmo, o espiritismo e as religiões brasileiras de matrizes africanas como o candomblé e a umbanda. Mais uma vez foram possibilitados espaços de resistência e significação, abordando também o que é “tolerância” e respeito a diversidade religiosa. Resistência porque muitas vezes somente o cristianismo faz parte dos estudos e práticas religiosas que acontecem na escola, embora o Estado seja laico, fica evidente a presença de práticas e aparatos do cristianismo nas escolas. Percebemos isso nas orações e imagens desta matriz religiosa, espalhadas pela maior parte das escolas, e não contemplando a diversidade religiosa existente entre as crianças e jovens da escola.

Por meio destas oficinas foi possível criar espaços de significação do currículo e garantir que não fosse apenas mais um conteúdo do livro didático. Que seria a experiência de se conhecer um conteúdo, de dar sentido aquilo que está no livro. Silva (1999) explica a importância de se pensar o currículo como espaço de significação e produção:

Também o currículo é um espaço, um campo de produção e de criação de significado. No currículo se produz sentido e significado sobre os vários campos e atividades sociais, no currículo se trabalha sobre sentidos e significados recebidos, sobre materiais culturais existentes. O currículo, tal como a cultura, é uma zona de produtividade. Essa produtividade, entretanto, não pode ser desvinculada do caráter social dos processos e das práticas de significação. Cultura e currículo são, sobretudo, relações sociais (SILVA, 1999, p. 21).

Assim, é preciso (re) pensar o currículo. Esse não é apenas aquilo que deve ser ensinado, mas aquilo que deve ser explorado para ganhar significado social e, desse modo, produzir as subjetividades à partir do que cada estudante traz consigo. Uma experiência em aprender e significar aquilo que está sendo exposto, e trazer para

própria realidade, permitindo uma apropriação diferenciada e sensível do que está disposto no currículo.

4 | EXPERIÊNCIA COMO FONTE DE SABER: A CERIMÔNIA DO CHÁ

Foi planejada e realizada uma nova meditação guiada. Portanto, pensamos em realizar uma outra forma de meditação oriunda das culturas orientais, para criar um ambiente e prática mais propícios para que eles pudessem realmente serem tocados pela experiência de meditar. Com a experiência ampliamos o campo de ação do currículo, ampliamos o foco além daquilo que está previsto, criamos um campo de experiência e possibilitamos um saber à partir da experiência. Saber este que nos toca e nos transforma como nos diz Jorge Larrosa (2002, p. 27), “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”.

E era essa a intenção, proporcionar um saber, o saber que era meditar sendo tocadas e tocados pela experiência da meditação, não apenas ler num livro sobre ela, mas conhecer e experimentar a meditação para dar um sentido a ela. Foi então que aconteceu a parceria com Raul Assunção, estudante da UFLA, que pratica e realiza a cerimônia do chá, vindo direto da China. Este que é um ritual chinês milenar que tem como auxílio da meditação a confecção e ingestão de um chá feito de uma planta do país.

Nesta oficina conseguimos uma significação daquilo que estava no currículo, isso porque viver a experiência de uma cerimônia oriental transportou as/os estudantes para aquela realidade, ainda entrelaçadas as suas próprias realidades. Deu significado para essa cultura muitas vezes tão distante e tão distinta. Assim, conseguimos organizar e levar as crianças em um outro espaço, mais tranquilo. Se trata de uma área verde, em contato com a natureza. Esse espaço fica há duas quadras da escola – A ecolândia. Uma área de preservação da polícia florestal. Espaço pouco explorado pelas escolas, no qual as crianças pouco conheciam.



Figuras 3 e 4: Prática meditativa acompanhada da cerimônia do Chá Chinês, organizada pelas

A cerimônia do chá possibilitou a real experiência da meditação e tocou cada um/a que estava presente. Desencadeou inúmeras manifestações de alegria, satisfação, respeito e coletividade por parte das/dos estudantes e entre eles. E foi com esta atividade prática que encerramos nossas oficinas com a turma, sendo ainda mais significativo perceber resultado tão positivo.

5 | GÊNERO E SEXUALIDADE NO BUDISMO

O Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade tem como finalidade favorecer a elevação da qualidade das ações pedagógicas voltadas para a Educação para a Sexualidade e para a compreensão da dinâmica da Diversidade Sexual e de gênero. Visa ainda, oportunizar reflexões teóricas acerca de diferentes realidades para planejar e executar metodologias que contribuam para a superação dos problemas advindos da formação histórica e cultural do povo brasileiro, no que diz respeito à convivência social, que repercute significativamente no processo de formação integral das novas gerações.

Assim abordamos questões de gênero e sexualidade entrelaçadas ao conteúdo de estudo da turma. Para o tema em tela, o Budismo (China e Japão), apresentamos o modo como as mulheres eram vistas dentro do Budismo e como atualmente está a situação dessas nesses países.

Foi contada a história do Buda Siddhartha Gautama para a turma. Nela abordamos que as mulheres não podiam meditar. Já que para entrar em estado de meditação, a pessoa precisa se desligar de todas suas vontades mundanas, como apegos, desejos, estresse, ansiedade e tudo mais que os afastasse os homens do que é considerado sagrado.

Como a mulher era considerada fonte de desejo, sexualidade e reprodução, elas não podiam frequentar os espaços onde havia meditação e também não eram consideradas dignas da prática meditativa. Era reprovada a ideia da mulher abdicar de suas famílias pela religião. Muitas delas eram analfabetas e alvo de discriminação.

O que aconteceu na prática de meditação guiada, acompanhada da cerimônia do chá, foi um dos recursos usados para problematizar questões de gênero. Isto porque assim como no oriente homens e mulheres não meditam próximos, as/os estudantes reproduziram involuntariamente ao meditar no pátio. Evidenciando o distanciamento e os entraves que acontecem nas relações entre os gêneros. Meninos se sentaram todos juntos à frente e meninas juntas ao fundo. Uma linha invisível, mas perceptível dividia a turma, e esta linha era diferença de gênero.

Também aproveitamos esta discussão da separação entre homens e mulheres na prática da meditação, na oficina de diversidade religiosa. Como abordamos os valores religiosos de diversas religiões, podemos perceber que em muitas a mulher

também passou por coisas situações similares.

Assim como forma de possibilitar que esta barreira entre os gêneros pudesse ser enfraquecida, sugeríamos sempre rodas intercalas com um menino e uma menina sentados lado à lado. E não como algo forçado, mas se eles próprios não achavam uma atitude sexista as mulheres meditarem separadas dos homens, porque eles mesmos reproduziam isso? Assim não houve mais resistência nesta socialização entre ambos os gêneros.

Por fim na oficina do chá pudemos perceber ao fim da cerimônia, meninos e meninas interagirem com proximidade e empatia. E percebemos não mais uma turma dividida em partes distintas, mas um coletivo que representava toda a turma. Isso nos faz perceber quão importante é o sentido que damos para aquilo que ensinamos, pois passa a fazer parte dos sujeitos. Não mais algo imposto ou apenas aprendido, mas algo que a/o estudante leva consigo, pois faz sentido para ele e tem significado em sua vida social.

6 | SIGNIFICAR É RESISTÊNCIA, É MILITÂNCIA NAS EXPERIÊNCIAS

Resistimos ao ampliar o campo de ação do currículo, ampliar o foco além daquilo que está previsto, criar um campo de experiência e possibilitar o saber da experiência. Saber este que nos toca e nos transforma. E Larrosa (2002) explica a importância dessa experiência que nos toca na construção do conhecimento e dos sujeitos. E a maneira que cada um vai respondendo à experiência e que vai construindo o conhecimento, é o saber da experiência:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (LARROSA, 2002, p. 27).

Percebemos então uma relação clara entre o que Silva (1999; 2011) nos diz sobre a significação do currículo e o que Larrosa (2002) nos aponta como sendo o saber da experiência. Isso porque para Silva é fundamental a significação do conteúdo que está sendo discutido para que assim aconteça uma real apropriação e aprendizado. E conforme aponta Larrosa, para que este conhecimento faça sentido para o sujeito, ele precisa ser tocado pela experiência e por ela assim, ser transformado. Pois o saber da experiência faz parte do sujeito, foi construído no sujeito a partir de como ele respondeu a essa experiência, não havendo como não se apropriar daquilo que foi experienciado.

Desta forma, quando pensamos em como resistir em um espaço que já vem com todos os caminhos traçados, pensamos que podemos criar novos espaços para significação destes caminhos, para que os estudantes entendam o porquê estes conteúdos estão dispostos. Para que possam achar um sentido em aprender, e que

esse aprender tenha sentido também em sua própria vida, família, comunidade e cultura.

O/a profissional de educação, principalmente as/os professores tem inúmeras possibilidades de resistir em seus espaços. Possibilidade de criar espaços para as/os estudantes, para tentar romper com a rigidez dos corpos, para dar significação aquilo que está sendo aprendido, para possibilitar a experiência de crianças e jovens construam seu conhecimento.

Para possibilitar uma educação de qualidade e crítica, a/o professor deve expandir seu campo de resistência e possibilitar que esta resistência aos poucos transforme suas realidades, e garanta que a escola faça sentido tanto para as/os estudantes, como para si próprio. E a sala de aula é este espaço, o micro espaço de resistência para as pequenas revoluções diárias, é nela que a escola realmente acontece, é nela que o/a professor/a tem seu campo de ação e resistência.

Silvio Gallo (2002), chama esse profissional, de professor militante. Ele desloca para educação o conceito de literatura menor de Deleuze e Guatarri, e pensa em uma educação menor, aquela para além das instituições e hierarquias presentes no contexto educacional. Educação menor é uma ação de resistência.

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (GALLO, 2002, p.173).

Ao assumir esta militância a/o professor/a estará agindo para um coletivo, para garantir as multiplicidades que se decorrem das experiências de aprender, para possibilitar inúmeras conexões e estratégias. Gallo (2002) ainda afirma:

A educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. Num rizoma, as singularidades desenvolvem devires que implicam em heccidades. Não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeito. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também (GALLO, 2002, p.176).

Desta forma, estudantes e professores vão transformando, seu cotidiano e assim transformam também a escola. E o currículo se torna recurso de liberdade, a significação em um espaço de resistência e a experiência uma ação que garante um sentido único em cada sujeito.

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. "Notas sobre a experiência e o saber de experiência". **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p.19-28, Apr. 2002.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma**

trajetória filosófica:para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GALLO, Sílvio. O compromisso do profissional com a sociedade. In: _____. **Educação e mudança.** 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Em torno de uma educação menor. *Educação e Realidade*, 27 (2), jul./dez/2002, p. 169-178.

NOGUEIRA-RAMIREZ, Carlos Ernesto. **Pedagogia e governamentalidade ou da modernidade como uma sociedade educativa.** (Coleção estudos Foucaultinos) Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 268p

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos.** Editora Fundação Peirópolis, 1999. 137p

SILVA, Tadeu Tomaz. **O currículo como fetiche:** a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 120p

_____. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 156p

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-293-7



9 788572 472937